

DIFERENCIAL DE SALÁRIOS NAS MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES DO ESTADO DA PARAÍBA

Ana Paula Lopes de Souza*
Ignácio Tavares**
Maria Carolina Madeira***

RESUMO: O objetivo do presente trabalho é estudar a distribuição espacial da renda na Paraíba, considerando o retorno do capital humano, as características dos postos de trabalho e aspectos não-produtivos dos trabalhadores. A metodologia consiste na estimação da equação de salário utilizando dados do Censo 2000. A principal novidade deste estudo foi a comparação da equação de salários entre as quatro mesorregiões, entre as 23 microrregiões, bem como entre as microrregiões componentes de cada mesorregião, com o intuito de identificar aspectos em comum e específicos na distribuição de renda. Os resultados revelaram uma distribuição salarial desigual, revelando concentração de renda principalmente na mesorregião da Zona da Mata. A distribuição mostrou-se menos equitativa dentro das microrregiões da Borborema e do Sertão, melhorando dentro da Zona da Mata e do Agreste. Ao incluir a *dummy* escolaridade, os coeficientes caem bastante, indicando a importância da educação como determinante da renda na Paraíba. Os resultados sugerem que, ao serem formuladas políticas públicas no estado, sejam consideradas as particulares locais. Em regiões como a Borborema e o Sertão, a sugestão é direcionar ações que contribuam para reduzir a diferença salarial por gênero dentro dos segmentos de trabalho, como também melhorar a educação.

Palavras-chave: Equação de salário. Disparidade salarial. Paraíba.
Classificação JEL: J31

* Mestranda em economia no PPGE da UFPB.

E-mail: anapaulajppb@yahoo.com.br

** Doutor em Economia pela UFPE; professor adjunto do Departamento de Economia da UFPB e pesquisador do CNPq.

E-mail: igtavares@hotmail.com

*** Mestranda em economia no PPGE da UFPB.

E-mail: carolina.madeira@gmail.com

ABSTRACT:The objective of this article is presenting the income spatial distribution throughout Brazilian's State Paraíba, evaluating the return of human capital, the employment places' characteristics and the workers' non-productive aspects. The methodology consists in a wage equation estimative taking into consideration Brazilian's Censo 2000 data. The main novelty of this research is the comparison between four mesoregions and twenty-three microregions salary equations, also including here the characteristics between the microregions of each mesoregion. These comparisons have as finality identifying the common and specific aspects in income spatial distribution all over the mentioned area. The results reveal an unequal salary distribution, specially over Zona da Mata Mesoregion. This distribution is less equitable in Borborema and Sertão Microregions. However, it presents an increasing throughout Zona da Mata and Agreste. These coefficients fall sensibly when the schooling dummy is included, showing, in consequence, education as determinant for increasing of income in Paraíba. The results point that political measures in Paraíba must pay attention at local particularities. For example, the suggestion for regions such as Borborema and Sertão is directing actions that contribute to reduce the salary differences among man and woman inside job places. Improve education system is indispensable measure which cannot be forgotten.

Keywords: Wage equation. Salary disparity. Paraíba.

JEL Classification: J31

1 INTRODUÇÃO

O estado da Paraíba sofre não só com o atraso econômico, mas também social, se comparado aos demais estados do país, especificamente das regiões Sul e Sudeste. No que tange este assunto, vários indicadores econômicos e sociais podem ser ressaltados, como a forte presença do latifúndio no estado, o terceiro IDH mais baixo do país, 0,661, Gini de 0,678, taxa de mortalidade infantil de 45,5 por mil e taxa de analfabetismo de 25%.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstram que o Produto Interno Bruto (PIB) paraibano, em 2005, foi R\$ 16.864.193.000, tendo baixa participação na formação do PIB do Nordeste (6,32%), ficando à frente apenas do Piauí, Alagoas e Sergipe, que possuem participação de 3,45%, 4,77% e 5,29%, respectivamente.

A disparidade de renda entre as regiões paraibanas merece investigação com o intuito de propor novas formas para fomentar o desenvolvimento da região, como mais investimentos em capital humano. Acredita-se que tal investigação deve ter início pela disparidade salarial inter-mesorregiões e intra-mesorregiões, para, com isso, entender o contexto da disparidade espacial de salário do Estado como um todo.

Este trabalho procura investigar a distribuição espacial da renda salarial, considerando não apenas o fator da localização, mas também o retorno do capital humano, as características dos postos de trabalho e aspectos não-produtivos dos trabalhadores, como o sexo e a raça. Uma das principais novidades deste estudo é a comparação da equação de salários entre três tipos de regressão: entre as quatro mesorregiões e entre as 23 microrregiões paraibanas, como também entre as microrregiões componentes de cada uma das mesorregiões, o que permite identificar a disparidade de renda inter-regiões e intra-regiões do Estado. O intuito desta metodologia é identificar os aspectos em comum e específicos de cada região na distribuição de renda da Paraíba.

O interesse pelo estudo da disparidade salarial no Estado e a justificativa para sua investigação científica estão associados à conjunção de vários aspectos pertinentes, dentre os quais destacam-se: a importância de se conhecer os fatores determinantes da disparidade de renda em regiões relativamente atrasadas, como é o caso do estado da Paraíba, o qual possui um alto índice de desigualdade interpessoal de renda e; a necessidade de estudos nessa área, uma vez que um levantamento preliminar constatou que há uma vasta literatura sobre desigualdade de renda nacional e regional, mas o mesmo não se verifica em relação a estudos referentes à desigualdade local.

Na pesquisa ora proposta, a análise será focada especificamente na mensuração da equação de salário para as quatro mesorregiões do estado, bem como suas vinte e três microrregiões.

A preocupação deste estudo consiste em responder ao seguinte problema de pesquisa: a distribuição condicional de salário do estado da Paraíba ocorre de forma equitativa entre suas mesorregiões e microrregiões?

Para responder tal questionamento, foram estimados cinco modelos que colocam a importância da escolaridade, experiência de

trabalho, bem como *dummies* de localização, gênero, cor, setores e ocupação de trabalho, situação do domicílio (rural ou urbana) e migração (saber se o indivíduo nasceu ou não no estado) na distribuição condicional na Paraíba.

Dividiu-se este artigo em quatro seções, afora a introdução. A segunda seção apresenta alguns dados relevantes sobre a economia paraibana, com o objetivo de contextualizar a sua realidade sócio-econômica. A terceira seção, a metodologia, descreve a origem e o tratamento dos dados que serviram de base para o estudo, bem como apresenta os modelos econométricos utilizados na estimação. A quarta seção apresenta os resultados obtidos. Finalizando, são enunciadas as conclusões.

2 DADOS SOBRE A REALIDADE SÓCIO-ECONÔMICA NA PARAÍBA

Conforme mostram os dados da tabela 1, o menor valor do PIB per capita da Paraíba encontra-se nas mesorregiões da Borborema (R\$ 2.173) e Sertão (R\$ 2.447) em oposição a maior economia do Estado, a mesorregião da Zona da Mata, que possui um PIB per capita de R\$ 5.890, revelando certa tendência de concentração espacial, o que implica no distanciamento desta última, frente às demais regiões de desempenho menos robusto.

Tabela 1 – Paraíba: PIB per capita , segundo as mesorregiões - 2003

Microrregiões	PIB per capita –R\$
Agreste	3.147
Borborema	2.173
Sertão	2.447
Zona da Mata	5.890

Fonte: Ipeadata.

Outro fato que chama atenção refere-se à diferença nos valores do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre as regiões.

Segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano, os IDHs mais baixos da Paraíba estão no Agreste (3,15) e na Borborema (2,173) e o maior na Zona da Mata (0,703), conforme informações da tabela 2.

Tabela 2 – Paraíba: IDH segundo as mesorregiões - 2000

Microrregiões	IDH
Agreste	0,631
Borborema	0,613
Sertão	0,622
Zona da Mata	0,703

Fonte: Atlas Brasil de Desenvolvimento Humano.

A análise do Índice de Gini revela que todas as regiões do Estado possuem elevada desigualdade de renda, merecendo destaque as microrregiões de Serra do Teixeira (0,594) e Cajazeiras (0,580), localizados no Sertão, Esperança (0,580) e Brejo (0,575), no Agreste, com as mais altas taxas de desigualdade do Estado.

Além destes aspectos, outro fato que chama atenção refere-se aos percentuais de pobreza do Estado. A tabela 3 mostra o percentual de pessoas com renda domiciliar per capita equivalente a $\frac{1}{2}$ (metade) do salário mínimo vigente em agosto de 2000 (o que correspondia a R\$ 75,50) para as quatro mesorregiões de abrangência do Estado. Percebe-se que houve diminuição no percentual de pessoas pobres dentro das regiões paraibanas, mas apesar dessa redução, o percentual de pessoas recebendo salários inferiores a $\frac{1}{2}$ do salário mínimo ainda é considerado elevado. A maior concentração de pobres está nas mesorregiões da Borborema e Sertão. Em 1991, quase 80% dos indivíduos da Borborema eram considerados pobres. Em 2000, apesar da redução de 15,28 pontos percentuais, os valores continuaram expressivos. Em relação ao Sertão, em 1991, 78,50% dos indivíduos eram pobres. Em 2000, esse

percentual passou para 62,97%. O menor percentual é encontrado na Zona da Mata, com 55,94%, em 1991, e 44,28%, em 2000.

Tabela 3 – Paraíba: Percentual de pessoas pobres, segundo as mesorregiões em 1991 e 2000 (%)

Mesorregiões	1991	2000
Agreste	72,67	59,05
Borborema	79,83	64,55
Zona da Mata	55,94	44,28
Sertão	78,50	62,97

Fonte: Ipeadata.

Por fim, a tabela 4 mostra o percentual de pessoas com 15 anos ou mais de idade que não sabem ler nem escrever no estado. O maior percentual de analfabetos encontra-se no Sertão. Em 1991, 47,09% dos indivíduos dessa mesorregião eram analfabetos. Em 2000, esse número caiu para 34,59%, redução de 12,50 pontos percentuais. Os percentuais de analfabetos nas mesorregiões do Agreste e Borborema são muito semelhantes e elevados, em torno de 45%, em 1991, e 32%, em 2000. A mesorregião com menor percentual, a Zona da Mata, em 1991, possuía valor percentual de 33,13%. Em 2000, esse número caiu para 22,08%, o que representa redução de 10,25 pontos percentuais.

Tabela 4 - Paraíba: Percentual de analfabetos entre as pessoas com 15 anos ou mais, segundo mesorregiões em 1991 e 2000

Mesorregiões	1991	2000
Agreste Paraibano	45,32	32,85
Borborema	44,71	32,54
Mata Paraibana	33,13	22,88
Sertão Paraibano	47,09	34,59

Fonte: Ipeadata.

De maneira geral, estes dados sugerem que há uma maior presença de diferenças sociais e econômicas entre as mesorregiões da

Borborema e Sertão se comparada com a Zona da Mata e Agreste. Isto se deve, em parte, ao fato do Sertão e da Borborema estarem localizados em regiões do semi-árido, com clima bastante seco, tendo como principal atividade a agricultura de subsistência, ao contrário da Zona da Mata e Agreste que, além da agricultura, são ancoradas no turismo, no comércio e na indústria. No entanto, outros fatores contribuem para minorar ou agravar a disparidade sócio-econômica entre as regiões.

3 METODOLOGIA

A metodologia escolhida para avaliação da desigualdade de renda salarial na Paraíba é a equação de salário, utilizando o método dos mínimos quadrados ordinários.

Por equações de rendimentos, segundo Menezes Filho (2002, p. 51), “entende-se uma tentativa de relacionar os rendimentos auferidos por um trabalhador com suas características pessoais (educação, idade, sexo, cor) e com as características de seu trabalho, como região e setor de atividade”.

A metodologia da equação de salários baseia-se nas idéias desenvolvidas pelos fundadores da Teoria do Capital Humano, como Shultz (1973), o qual afirma que a maioria dos diferenciais salariais surge das diferenças na educação e na saúde entre os trabalhadores. Para esta teoria, as capacidades úteis e conhecimentos adquiridos pelas pessoas são produtos do investimento deliberado das mesmas, no intuito de conseguir as vantagens dadas pelos melhores empregos. Portanto, a metodologia da equação de salário pressupõe o entendimento de haver retornos crescentes na renda dos trabalhadores através da aquisição de educação formal e de outros investimentos pessoais ao longo dos tempos.

Os primeiros estudos sobre a desigualdade salarial do Brasil surgiram na década de 1970/80. Os estudos iniciais utilizaram as características pessoais produtivas, a educação e a experiência do trabalhador, como principais variantes das diferenças de salário. Posteriormente, investigou-se se o diferencial em questão também estaria relacionado com aspectos individuais não-produtivos, como o sexo ou cor. Mais adiante, foram analisadas, nas equações, as relações entre salários

e as características dos postos de trabalho, o que indica mensurar a importância dos setores de atividade, da formalização ou não da relação de trabalho e da localização regional do trabalhador na diferença de renda salarial (COELHO e CORSEUIL, 2002).

Genericamente, pode-se descrever o método da equação de salário pela seguinte equação de regressão:

$$\ln Y_i = \alpha + \beta X_i + u_i$$

Onde, $\ln Y_i$ é a variável dependente ou exógena e denota o logaritmo natural do salário-hora do indivíduo i . X_i refere-se à matriz das variáveis explicativas (endógenas) e u_i é o erro aleatório.

A amostra selecionada para este trabalho é composta por indivíduos paraibanos acima de 10 anos com renda positiva, residentes nas áreas rurais e urbanas, excluindo os indivíduos maiores de 65 anos e acima de 17 anos de estudo, e também aqueles sem informação sobre o nível de escolaridade, as horas trabalhadas e a cor.

A pesquisa escolhida para realizar as regressões é o Censo 2000, apesar da defasagem de tempo. A preferência por esta pesquisa do IBGE ocorre pelo fato das PNADs (Pesquisa por Amostragem Domiciliar) não se prestarem para levantamentos sistemáticos municipais, embora isto possa ser possível para alguns municípios e até mesmo para subdivisões das Regiões Metropolitanas (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2000). Para estimação dos modelos, foi utilizado o pacote econométrico *Stata* 9.0.

Selecionou-se como *proxy* da variável dependente da equação de salário o rendimento bruto no trabalho principal que, conforme o Censo 2000, é definido como a renda proveniente do trabalho principal, em reais. Conforme Menezes-Filho (2002), é usual a utilização do logaritmo do salário, porque em muitos casos a distribuição dessa variável aproxima-se bem de uma distribuição normal. Vale salientar que o Censo não computa o valor da produção para o próprio consumo, como moradia, alimentação, vale ou tíquete transporte, roupas, entre outros. Sabe-se que estas fontes de renda não monetárias prevalecem em várias localidades da Paraíba, o que deixa de fora um importante traço da economia do estado, especialmente, a rural.

O conjunto de informações sobre a população paraibana selecionada para formar a matriz de variáveis explicativas são enumeradas abaixo:

Localização: *Dummies* que informam as mesorregiões e microrregiões da Paraíba. Foram criadas quatro *dummies* para as mesorregiões do Sertão, Borborema, Agreste e Zona da Mata, com valores um, dois, três e quatro, respectivamente. Segundo o Censo 2000, foram criadas e enumeradas 23 variáveis binárias, cada uma, representando determinada microrregião da Paraíba;

Educação: Informa os anos de estudo dos indivíduos. Assume valores de 0 a 17. O valor nulo mostra que o indivíduo não completou o primeiro ano de escolaridade. Valores de 1 a 16 mostram o número de anos de educação completos do indivíduo *i*. O valor 17, o qual foi excluído, significa que o indivíduo possui 17 ou mais anos de escolaridade;

Experiência de trabalho: A variável experiência é a diferença entre a idade e os anos de estudo (experiência = escolaridade – 6). Vale salientar que esta variável é apenas uma estimativa da experiência verdadeira de uma pessoa no mercado de trabalho;

Experiência de trabalho ao quadrado: Pelo fato do logaritmo natural dos salários não variar linearmente à experiência, utilizou-se também a variável experiência ao quadrado;

Gênero: Variável binária referente ao sexo dos indivíduos, assume valor um para homens e valor zero para mulheres;

Raça: Corresponde à raça ou cor conforme declaração da pessoa recenseada, classificada no plano de investigação do Censo da seguinte forma: valor um para pessoas que declararam ser brancas; valor zero àquelas não-brancas (indivíduos amarelos - origem ou descendência oriental - negros, pardos, mulatos, mestiços, caboclos, cafuzos ou mamelucos e indígenas);

Idade: Varia de 10 a 65 anos, de acordo com os anos completos de idade do indivíduo;

Setor de trabalho: Refere-se à finalidade ou ao ramo de negócio em que a pessoa trabalhava na semana de referência, ou a natureza da atividade exercida para a pessoa que trabalhava por conta

própria. Foram escolhidos quatro grandes setores para formar as variáveis binárias: agricultura (incluindo pecuária e serviços relacionados), indústria, serviços e serviço público, enumeradas de um a quatro pela ordem respectiva;

Situação do domicílio: Variável binária que assume valor unitário para o meio urbano e valor zero para o meio rural;

Nasceu na UF: Variável binária que assume valor unitário no caso do trabalhador ter nascido no estado da Paraíba e zero para o caso contrário;

Ocupação: corresponde à relação de trabalho existente entre a pessoa e o empreendimento em que trabalhava. Foram criadas *dummies* classificadas da seguinte forma: para trabalhadores que possuem carteira de trabalho assinada adotou-se valor unitário, para o empregado com carteira de trabalho assinada, valor dois e valor três para trabalhadores por conta própria.

Foram realizados três tipos distintos de regressão. O primeiro tipo, inter-mesorregional, objetiva indicar qual a participação das variáveis endógenas, escolhidas na distribuição condicional de salário ocorrida entre as quatro mesorregiões da Paraíba. A regressão seguinte – inter-microrregional – fará o mesmo entre as 23 microrregiões do estado. E por último, a regressão intra-mesorregional refere-se ao estudo da distribuição do salário dentro de cada mesorregião paraibana. Em cada forma de regressão, as variáveis explicativas foram distribuídas em cinco modelos da equação de salário.

A primeira equação ou modelo 1 objetiva avaliar qual a participação da localização na distribuição da renda paraibana e tem o seguinte formato:

$$\text{Ln } Y_i = \alpha + D'_y + u_i \quad (1)$$

Onde $\text{Ln } Y_i$ corresponde ao logaritmo do salário-hora e D'_y refere-se a um vetor de variáveis *dummies* referentes à localização do indivíduo *i* nas diferentes mesorregiões e microrregiões do estado. A variável binária utilizada como base será aquela possuidora da maior renda salarial da região.

Sabendo que as disparidades de renda também são influenciadas por outras variáveis, como o setor de trabalho, o nível de escolaridade, sexo (ou gênero), raça ou cor, experiência de trabalho e experiência de trabalho ao quadrado, situação do domicílio e ocupação, foram-se mais quatro equações para indicar a participação de tais variáveis na variação dos rendimentos.

No modelo 2, acrescentou-se escolaridade (esc), experiência (exp) e experiência ao quadrado (exp^2).

$$\text{Ln } Y_i = \alpha + D'_{localização} + esc + exp + exp^2 + u_i \quad (2)$$

No modelo 3, são criadas e adicionadas as *dummies* de gênero ou sexo (D'_{sexo}) e de raça ($D'_{raça}$). A equação apresenta a seguinte forma:

$$\text{Ln } Y_i = \alpha + D'_{localização} + esc + exp + exp^2 + D'_{sexo} + D'_{raça} + u_i \quad (3)$$

As *dummies* de setor de trabalho estão presentes no modelo 4 – de setor agrícola (D'_a), industrial (D'_i), de serviços (D'_{sv}) e de serviços públicos (D'_{sp}). Para fazer a comparação, suprimiu-se a *dummy* serviço público, já que está apresentou, em média, os rendimentos salariais mais elevados.

$$\text{Ln } Y_i = \alpha + D'_{localização} + esc + exp + exp^2 + D'_{sexo} + D'_{raça} + D'_a + D'_i + D'_{sv} + D'_{sp} + u_i \quad (4)$$

No último modelo, estão incluídas as *dummies* situação do domicílio (urbano ou rural), nascido na UF (para identificar se o indivíduo nasceu ou não na Paraíba) e a ocupação no trabalho. Esta última foi dividida em três categorias – empregado com carteira assinada (D'_{empc}), empregado sem carteira assinada (D'_{emp}) e trabalhador por conta própria (D'_{dcp}). Por conseguinte, o modelo possui o seguinte formato:

$$\text{Ln } Y_i = \alpha + D'_{localização} + esc + exp + exp^2 + D'_{sexo} + D'_{raça} + D'_a + D'_i + D'_{sv} + D'_{sp} + D'_{urb} + D'_{loc} + D'_{emp} + D'_{cp} + u_i \quad (5)$$

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na tabela 5, a terceira coluna mostra o conjunto da população paraibana selecionado para o estudo, o que inclui apenas pessoas com mais de 10 anos e pessoas com até 65 anos de idade com renda positiva, tanto da região urbana como a rural.

Tabela 5 – Paraíba: População estimada e tamanho da amostra, segundo as Mesorregiões

Mesorregião	População estimada	População selecionada
Sertão	136.262	32.842
Borborema	51.76	12.583
Agreste	161.626	36.752
Mata Paraibana	138.2	40.244
Total	487.848	122.421

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Censo Demográfico de 2000.

4.1 Regressão inter-mesorregiões

Nesta seção, serão analisadas as regressões entre as quatro mesorregiões – Sertão, Borborema, Agreste e Zona da Mata.

Conforme dados da tabela 6, a Zona da Mata Paraibana apresenta o salário mais elevado do estado e, por isso, esta será a variável omitida para comparação.

Tabela 6 – Paraíba: Renda salarial média, segundo as mesorregiões – 2000

Mesorregião	Renda salarial média – R\$
Sertão	222,2689
Borborema	196,5616
Agreste	300,2593
Zona da Mata	447,5266

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Censo 2000.

Com relação ao modelo da equação 1, a estimação revelou que a maior diferença salarial ocorre entre os indivíduos residentes no Sertão paraibano, uma vez que recebem um salário 57,29% inferior ao recebido pelos indivíduos, com as mesmas características, que residem na Zona da Mata. A Borborema, mesorregião com o salário médio mais baixo, tem uma diferença média de 55,18%, uma pequena diferença em comparação ao Sertão. A menor disparidade ocorreu entre os indivíduos do Agreste e da Zona da Mata Paraibana, em torno de 30,62%.

Ao incluir as variáveis no modelo 2, verifica-se que as diferenças salariais entre as mesorregiões em relação à *dummy* de comparação são minoradas, diminuindo para 29,20% no Sertão e 28,31% na Borborema. A maior redução é verificada no Agreste que passa a ser 13,25% (17,37 pontos percentuais a menos que no modelo 1). Para cada ano de estudo, o salário do indivíduo aumenta em 13,77%, já a experiência de trabalho colabora com 5,58%.

No modelo 3, ao serem incluídas as *dummies* de sexo e cor, os resultados dos coeficientes de localização são praticamente os mesmos do modelo 2. Constata-se, no entanto, que a variável gênero possui maior influência na variação salarial (26,23%) do que a variável cor (9,39%).

Observa-se, nos modelos 4 e 5, que no setor agrícola os trabalhadores recebem os menores salários em comparação com os que trabalham no setor público, e se a ocupação for sem carteira de trabalho, o diferencial salarial daqueles que possuem o documento é de 18,55%. Adicionalmente, há uma variação negativa de 12,14% entre os trabalhadores por conta própria e entre aqueles com carteira assinada.

A variável binária situação domiciliar não se mostrou significativa. A *dummy* nascido na UF, a qual tem o intuito de captar se o fato da pessoa ter nascido na Paraíba contribui para o aumento do salário, registrou 1,66%.

Tabela 7 – Paraíba: Resultado da estimação segundo as mesorregiões e por modelo.
 Fonte: Elaboração própria. *Valores entre parênteses correspondem ao erro-padrão.

Mesorregiões e variáveis	Modelo 1		Modelo 2		Modelo 3		Modelo 4		Modelo 5	
	Coefficiente	P> t	Coefficiente	P> t	Coefficiente	P> t	Coefficiente	P> t	Coefficiente	P> t
Sertão	-0,5729 (0,0074)*	0,00	-0,2921 (0,0062)	0,00	-0,2912 (0,0061)	0,00	-0,2596 (0,006)	0,00	-0,2290 (0,0061)	0,00
Bororema	-0,5518 (0,00948)	0,00	-0,2832 (0,0082)	0,00	-0,2854 (0,0082)	0,00	-0,2553 (0,0081)	0,00	-0,2247029 (0,0081)	0,00
Agreste	-0,3063 (0,0070)	0,00	-0,1326 (0,0056)	0,00	-0,1337 (0,0055)	0,00	-0,1206 (0,0055)	0,00	-0,1080 (0,0055)	0,00
Mata	Omitida	-	Omitida	-	Omitida	-	Omitida	-	Omitida	-
Escolaridade	-	-	0,1378 (0,0006)	0,00	0,1429 (0,0006)	0,00	0,1320 (0,0006)	0,00	0,1253 (0,0006)	0,00
Experiência	-	-	0,0558 (0,000)	0,00	0,0551 (0,0007)	0,00	0,0536 (0,0006)	0,00	0,0509 (0,0006)	0,00
(Experiência) ²	-	-	-0,0007 (0,0000)	0,00	-0,0007 (0,0000)	0,00	-0,0006 (0,0000)	0,00	-0,0006 (0,0000)	0,00
Sexo (dh)	-	-	-	-	0,2624 (0,0049)	0,00	0,3284 (0,0052)	0,00	0,3024 (0,0053)	0,00
Raça (db)	-	-	-	-	0,0939 (0,0047)	0,00	0,0925 (0,0046)	0,00	0,0833 (0,0046)	0,00
Agriculta	-	-	-	-	-	-	-0,4635 (0,0086)	0,00	-0,4753 (0,0091)	0,00
Industria	-	-	-	-	-	-	-0,1775 (0,0081)	0,00	-0,2186 (0,0081)	0,00
Serviços	-	-	-	-	-	-	-0,0935 (0,0067)	0,00	-0,1162 (0,0067)	0,00
Serv. público	Omitida	-	Omitida	-	Omitida	-	Omitida	-	Omitida	-
Situação domiciliar	-	-	-	-	-	-	-	-	-0,0026 (0,0059)	0,66
Nascido UF	-	-	-	-	-	-	-	-	0,0167 (0,0090)	0,06
Empregado com carteira	Omitida	-	Omitida	-	Omitida	-	Omitida	-	Omitida	-
Empregado s/ carteira	-	-	-	-	-	-	-	-	-0,1855 (0,0051)	0,00
Conta própria	-	-	-	-	-	-	-	-	0,1244 (0,0065)	0,00
F _R ²	23,2,02 (0,00)		11,92,03 (0,00)		8,881,69 (0,00)		6,815,51 (0,00)		5,040,50 (0,00)	0,00
R ²	0,0523		0,3813		0,3974		0,4152		0,4136	
Nº Observações	129617		123258		122421		122421		120175	

4.2 Regressão inter-microrregiões

Nesta seção, serão apresentadas as regressões entre as 23 microrregiões do estado. De acordo com dados da tabela 8, a microrregião de João Pessoa possui o salário mais elevado (R\$ 325,57). Desta forma, esta foi a microrregião omitida para comparação.

Tabela 8 – Paraíba: Renda salarial média, segundo as microrregiões - 2000

Mesorregiões	Microrregiões	Renda salarial média – R\$
Sertão	Catolé do Rocha	129,6246
	Cajazeiras	161,5789
	Souza	159,3181
	Patos	207,0939
	Piancó	113,8398
	Itaporanga	108,5261
	Serra do Teixeira	128,8038
Borborema	Seridó Ocidental	147,1756
	Seridó Oriental	127,7283
	Cariri Ocidental	117,9716
	Cariri Oriental	139,4218
Agreste	Curimataú Ocidental	129,7944
	Curimataú Oriental	139,3916
	Esperança	175,6795
	Brejo	136,6454
	Guarabira	153,6103
	Campina Grande	289,6616
	Itabaiana	124,3859
	Umbuzeiro	117,0809
Zona da Mata	Litoral Norte	135,6744
	Sapé	139,1961
	João Pessoa	352,5779
	Litoral Sul	140,7373

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Censo 2000.

A estimação do modelo 1 revelou que a microrregião com a maior disparidade salarial é Itaporanga, uma vez que o salário desta microrregião é 87,99% menor que o da microrregião de João Pessoa. Não por acaso, a menor disparidade de salário (20,84%) encontra-se na microrregião de Campina Grande. Isto ocorre porque o município de Campina Grande é considerado um dos principais pólos industriais e tecnológicos do Nordeste.

Vale destacar o resultado para a microrregião de Patos, a qual possui a segunda menor disparidade salarial do estado (51,81%). Aí se destaca a importância do município de Patos, que é considerado pelo IBGE a única capital regional do Sertão Nordestino, tendo o comércio como ponto forte para economia da região. As demais microrregiões registraram valores percentuais acima de 56%.

Nos modelos seguintes, foram encontrados valores muito similares aos da regressão inter-mesorregional. Primeiramente, no modelo 2, ao incluir as variáveis escolaridade e experiência, houve redução dos valores encontrados nas *dummies* de localização. A microrregião com maior disparidade de salário, Itaporanga, diminuiu o valor de seu parâmetro para 43,52%, (redução de 44,47 pontos percentuais em relação ao resultado encontrado no modelo 1). Já a microrregião de Campina Grande reduziu para 10,40% a disparidade salarial em relação à microrregião de João Pessoa, indicando que as diferenças de capital humano explicam uma parcela importante das disparidades regionais. Um ano a mais de estudo aumenta o salário do indivíduo em 13,33%, em média. O coeficiente estimado da experiência foi de 5,53% e o coeficiente de experiência ao quadrado foi -0,06%.

No modelo 3, os coeficientes encontrados para as variáveis educação e experiência foram praticamente os mesmos do modelo 2. O fato do indivíduo ser do gênero masculino recebe um salário 26,11% maior do que o salário dos indivíduos do sexo feminino. O fato de ser da cor branca eleva seu salário em 9,39%. Vale salientar que estes resultados foram muito próximos aos encontrados nos modelos inter-mesorregiões (ver tabela 8).

Nos modelos 4 e 5, continua a tendência de maior diferença salarial para os trabalhadores da agricultura e para aqueles sem carteira assinada.

A *dummy* para nascidos na UF revela que o fato da pessoa ter nascido na Paraíba contribui em 3,18% para o aumento do seu salário, ou seja, na Paraíba, os migrantes recebem menos que os nascidos na região, um indício, talvez, de que o estoque de capital social, rede de contatos e relações familiares contribuem para o surgimento de oportunidades de trabalho.

Cabe ressaltar que todos os parâmetros apresentaram-se estatisticamente significativos a nível de 1%, 5% e 10%, com exceção das variáveis escolaridade no modelo 3 e situação domiciliar no último modelo.

Tabela 9 – Paraíba: Resultado da estimação, segundo as microrregiões por modelo.

Microrregiões e variáveis	Modelo 1		Modelo 2		Modelo 3		Modelo 4		Modelo 5	
	Coefic.	P> t								
Catolé do Rocha	-0,8782 (0,0146)	0,00	-0,4070 (0,0129)	0,00	-0,4001 (0,0126)	0,00	-0,3472 (0,0124)	0,00	-0,2868 (0,0126)	0,00
Cajazeiras	-0,6759 (0,0147)	0,00	-0,3120 (0,0125)	0,00	-0,3160 (0,0124)	0,00	-0,2611 (0,0124)	0,00	-0,2164 (0,0124)	0,00
Souza	-0,7333 (0,0136)	0,00	-0,3400 (0,0116)	0,00	-0,3428 (0,0114)	0,00	-0,2997 (0,0112)	0,00	-0,2478 (0,0114)	0,00
Patos	-0,5181 (0,0160)	0,00	-0,2268 (0,0134)	0,00	-0,2342 (0,0132)	0,00	-0,2268 (0,0131)	0,00	-0,1835 (0,0131)	0,00
Piancó	-0,8615 (0,0187)	0,00	-0,4272 (0,0162)	0,00	-0,4261 (0,0162)	0,00	-0,3726 (0,0158)	0,00	-0,3205 (0,0158)	0,00
Itaporanga	-0,8799 (0,0174)	0,00	-0,4352 (0,0150)	0,00	-0,4352 (0,0152)	0,00	-0,3454 (0,0147)	0,00	-0,2869 (0,0148)	0,00
Serra do Teixeira	-0,8308 (0,0167)	0,00	-0,3771 (0,0148)	0,00	-0,3772 (0,0147)	0,00	-0,3042 (0,0144)	0,00	-0,2564 (0,0144)	0,00
Seridó Ocidental	-0,6879 (0,0219)	0,00	-0,3852 (0,0194)	0,00	-0,4001 (0,0192)	0,00	-0,3912 (0,0190)	0,00	-0,3479 (0,0189)	0,00
Seridó Oriental	-0,7382 (0,0165)	0,00	-0,2932 (0,0149)	0,00	-0,2925 (0,0149)	0,00	-0,2645 (0,0146)	0,00	-0,2252 (0,0147)	0,00
Cariíri Ocidental	-0,8378 (0,0145)	0,00	-0,4405 (0,0127)	0,00	-0,4402 (0,0125)	0,00	-0,3731 (0,0123)	0,00	-0,3230 (0,0125)	0,00
Cariíri Oriental	-0,5794 (0,0175)	0,00	-0,1826 (0,0161)	0,00	-0,1917 (0,0125)	0,00	-0,1190 (0,0159)	0,00	-0,0649 (0,0161)	0,00

Diferencial de salários nas mesorregiões e...

Curimataú Ocidental	-0,7117 (0,0142)	0,00	-0,2851 (0,0124)	0,00	-0,2912 (0,0123)	0,00	-0,2461 (0,0121)	0,00	-0,2049 (0,0122)	0,00
Curimataú Oriental	-0,689 (0,0213)	0,00	-0,2625 (0,0183)	0,00	-0,2589 (0,0183)	0,00	-0,2198 (0,0180)	0,00	-0,1797 (0,018)	0,00
Esperança	-0,5931 (0,0231)	0,00	-0,2155 (0,0207)	0,00	-0,2151 (0,0205)	0,00	-0,1785 (0,0200)	0,00	-0,1441 (0,0199)	0,00
Brejo	-0,7262 (0,0176)	0,00	-0,2871 (0,0152)	0,00	-0,2823 (0,0152)	0,00	-0,2102 (0,0151)	0,00	-0,1697 (0,0151)	0,00
Guarabira	-0,5605 (0,0132)	0,00	-0,2000 (0,0116)	0,00	-0,1985 (0,0115)	0,00	-0,1653 (0,0113)	0,00	-0,1346 (0,0114)	0,00
Campina Grande	-0,2084 (0,0101)	0,00	-0,1040 (0,0078)	0,00	-0,1128 (0,0077)	0,00	-0,1049 (0,0077)	0,00	-0,097 (0,0078)	0,00
Itabaiana	-0,7273 (0,0151)	0,00	-0,2691 (0,0132)	0,00	-0,2643 (0,0132)	0,00	-0,2037 (0,0129)	0,00	-0,178 (0,013)	0,00
Umbuzeiro	-0,7642 (0,0213)	0,00	-0,2177 (0,0197)	0,00	-0,2190 (0,0197)	0,00	-0,1400 (0,0195)	0,00	-0,091 (0,0197)	0,00
Litoral Norte	-0,6956 (0,0144)	0,00	-0,2004 (0,0129)	0,00	-0,2091 (0,0129)	0,00	-0,1488 (0,0130)	0,00	-0,121 (0,013)	0,00
Sapé	-0,6726 (0,0137)	0,00	-0,1957 (0,0121)	0,00	-0,2020 (0,012)	0,00	-0,1236 (0,0121)	0,00	-0,096 (0,0122)	0,00
João Pessoa	Omitida		Omitida	-	Omitida	-	Omitida		Omitida	
Litoral Sul	-0,6889 (0,0169)	0,00	-0,2118 (0,0157)	0,00	-0,2157 (0,0155)	0,00	-0,1387 (0,0163)	0,00	-0,112 (0,0163)	0,00
Escolaridade	-	-	0,1333 (0,0006)	0,00	0,1385 (0,0006)	0,00	0,1295 (0,0006)	0,00	0,126 (0,0006)	0,00

Experiência	-	-	0,0553 (0,0007)	0,00	0,0545 (0,0007)	0,00	0,0533 (0,0007)	0,00	0,0508 (0,0007)	0,00
(Experiência)2	-	-	-0,00068 (0,0000)	0,00	0,0006 (0,001)	0,00	-0,0006 (0,0000)	0,00	0,00 (0,0000)	0,00
Sexo (dh)	-	-	-	-	0,2611 (0,0049)	0,00	0,3224 (0,0052)	0,00	0,312 (0,0053)	0,00
Raça (db)	-	-	-	-	0,0939 (0,0047)	0,00	0,0935 (0,0047)	0,00	0,09 (0,0047)	0,00
Agricultura	-	-	-	-	-	-	-0,4463 (0,0087)	0,00	-0,442 (0,0092)	0,00
Indústria	-	-	-	-	-	-	-0,1850 (0,0082)	0,00	-0,2097 (0,0082)	0,00
Serviços	-	-	-	-	-	-	-0,1019 (0,0067)	0,00	-0,106 (0,0068)	0,00
Situação Domiciliar							-		-0,0062 (0,0061)	0,31
Nascido UF	-	-	-	-	-	-	-	-	0,0318 (0,0054)	0,00
Empregado sem carteira									-0,2224 (0,0053)	0,00
Conta própria	-	-	-	-	-	-	-	-	-0,1671 (0,0067)	0,00
F	618,69 (0,00)		2746,29 (0,00)	2691,45 (0,00)			2537,80 (0,00)		2359,15 (0,00)	
R2	0,1006		0,3871	0,4185			0,4030		0,4257	
Nº Observações	129617		123258	122421			122421		122421	

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Censo Demográfico de 2000.

4.3 Regressão intra-mesorregião

A seguir serão apresentadas as regressões realizadas entre as microrregiões de cada mesorregião da Paraíba, o que permite medir a distribuição do salário médio dentro de uma dada mesorregião.

4.3.1 Regressão intra-mesorregião – Sertão

Na tabela 10, estão reunidos os resultados das regressões das sete microrregiões do Sertão. Levou-se em consideração o salário médio recebido pelos indivíduos que residem nesta mesorregião.

Dentre as microrregiões do Sertão, Patos possui o maior salário e, por isso, foi a *dummy* omitida para comparação.

Em todos os modelos, verifica-se que as maiores diferenças salariais ocorrem entre a microrregião de Patos e as microrregiões de Itaporanga, Catolé do Rocha e Piancó. Estas diferenças caem bastante ao serem incorporadas as demais variáveis explicativas (o que também ocorreu nas regressões anteriores). Para cada ano de estudo e de experiência, os indivíduos passam a receber um salário em média 13,34% e 5,8% maior, respectivamente.

As *dummies* incluídas no modelo 3 informam que o indivíduo da cor branca recebe 9,3% a mais que os demais não-brancos, e sendo do sexo masculino o aumento salarial é 25,97%. Todos esses percentuais supracitados são bastante similares aos coeficientes verificados na regressão inter-mesorregiões e inter-microrregiões.

Com a entrada das variáveis setores de trabalho, no modelo 4, nota-se uma forte diminuição dos valores dos coeficientes das *dummies* de localização, e, por outro lado, um aumento de 25,97% para 41,03% da *dummy* sexo.

As variáveis confirmam a tendência de que a pessoa, trabalhando em atividades relacionadas à agricultura, pecuária e áreas afins, recebe um rendimento inferior àquela que está no setor público, cerca de 59,12% a menos. Em seguida, há os trabalhadores do setor industrial, os quais recebem 26,68% a menos com relação ao setor público. A menor diferença salarial é com o de serviços, cerca de 4,30%.

No modelo 5, ao contrário do que se verifica nas regressões inter-mesorregiões e inter-microrregiões, a diferença salarial por ocupação mostrou-se mais evidente, pois empregados sem carteira e os que atuam por conta própria ganham 36,83% e 32,32% a menos que a variável de comparação (trabalhadores com carteira assinada).

Em geral, os parâmetros encontrados mostraram-se estatisticamente significativos, ocorrendo não significância apenas na *dummy* Cajazeiras (modelos 4 e 5) e nascido na UF.

Tabela 10 - Sertão: Resultado da estimação intra-mesorregião.

Microrregiões e variáveis	Modelo 1		Modelo 2		Modelo 3		Modelo 4		Modelo 5	
	Coefic.	P> t								
Catolé do Rocha	-0,3601 (0,0199)	0,00	-0,1806 (0,0174)	0,00	-0,1630 (0,0171)	0,00	-0,0876 (0,0168)	0,00	-0,0664 (0,0167)	0,00
Cajazeiras	-0,1578 (0,0200)	0,00	-0,0859 (0,0171)	0,00	-0,0805 (0,0169)	0,00	-0,0185 (0,0169)	0,27	-0,1200 (0,0168)	0,47
Souza	-0,2152 (0,0192)	0,00	-0,1141 (0,0165)	0,00	-0,1071 (0,0162)	0,00	-0,0613 (0,0159)	0,00	-0,0443 (0,0159)	0,00
Patos	(omitida)									
Piancó	-0,3433 (0,0231)	0,00	-0,2013 (0,0200)	0,00	-0,1894 (0,0199)	0,00	-0,1272 (0,0194)	0,00	-0,1090 (0,0193)	0,00
Itaporanga	-0,3617 (0,0220)		-0,2092 (0,0190)	0,00	-0,1985 (0,0191)	0,00	-0,0861 (0,0187)	0,00	-0,0640 (0,0185)	0,001
Serra do Teixeira	-0,3126 (0,0215)	0,00	-0,1510 (0,0188)	0,00	-0,1407 (0,0187)	0,00	-0,0529 (0,0183)	0,00	-0,0400 (0,0182)	0,03
Escolaridade	-	-	0,1334 (0,0012)	0,00	0,1405 (0,0013)	0,00	0,1234 (0,0013)	0,00	0,1149 (0,0014)	0,00
Experiência	-	-	0,0588 (0,0013)	0,00	0,0581 (0,0013)	0,00	0,0567 (0,0013)	0,00	0,0524 (0,0013)	0,00
(Experiência) ²	-	-	-0,0007 (0,0000)	0,00	-0,0007 (0,0000)	0,00	-0,0006 (0,0000)	0,00	-0,0006 (0,0000)	0,00

Sexo (dh)	-	-	-	0,2597 (0,0104)	0,00	0,4103 (0,0110)	0,00	0,3870 (0,0112)	0,00
Raça (db)	-	-	-	0,0933 (0,0098)	0,00	0,0888 (0,0095)	0,00	0,0832 (0,0094)	0,00
Agrícola	-	-	-	-	-	-0,5912 (0,0176)	0,00	-0,5684 (0,0185)	0,00
Indústria	-	-	-	-	-	-0,2668 (0,0178)	0,00	-0,2822 (0,0176)	0,00
Serviços	-	-	-	-	-	-0,0430 (0,0148)	0,00	-0,0527 (0,0148)	0,00
Serv. público	(omitida)	(omitida)	(omitida)	(omitida)	(omitida)	(omitida)	(omitida)	(omitida)	(omitida)
Situação domiciliar	-	-	-	-	-	-	-	0,0225 (0,0110)	0,04
Nascido UF	-	-	-	-	-	-	-	0,0110 (0,0123)	0,37
Empregado carteira	-	-	-	-	-	-	-	(omitida)	
Empregado s/ carteira	-	-	-	-	-	-	-	-0,3683 (0,01240)	0,00
Conta própria	-	-	-	-	-	-	-	-0,3232 (0,0147)	0,00
F	82,77 (0,00)	1507,86 (0,00)	1299,67 (0,00)	1151,08 (0,00)	950,67 (0,00)				
R ²	0,0134	0,2770	0,2927	0,3313	0,3414				
Nº Observações	34791	33032	32842	32842	32842				32266

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Censo Demográfico de 2000.

4.3.2 Regressão intra-mesorregião – Borborema

A mesorregião da Borborema, caracterizada com a menor renda salarial do estado e com os piores índices de desigualdade de renda, apresentou problemas de significância em algumas *dummies* de localização. Diante dessa situação, considera-se mais interessante analisar os resultados da regressão por meio das demais variáveis explicativas.

Verifica-se que vários valores são muito similares aos encontrados nos modelos 2, 3 e 4 das regressões anteriores – o que leva a crer que a escolaridade, a experiência do trabalho e o fato do indivíduo ser do sexo masculino influenciam no aumento dos rendimentos salariais da Borborema.

Resultados semelhantes aos encontrados nas regressões anteriores foram que as pessoas do setor agrícola recebem o menor salário em relação ao setor da administração pública; e que o coeficiente da *dummy* sexo aumentou 10,38 pontos percentuais do modelo 3 para o 5, o que também ocorreu com a mesma variável na regressão intramesorregional Sertão.

Ao incluir as variáveis do modelo 5, os coeficientes não variaram muito, excetuando o fato da trajetória decrescente dos parâmetros de escolaridade, que passou de 13% no modelo 2 para 10,85% no último modelo.

Na regressão da Borborema, percebe-se que a distribuição salarial é melhor explicada pelas características dos postos de trabalho, seja através dos segmentos agrário, industrial e de serviços, seja pelo grau de formalização das relações de trabalho (o fato do indivíduo possuir ou não carteira de trabalho).

Os coeficientes indicam que, com relação aos indivíduos com carteira assinada, os trabalhadores sem carteira assinada recebem 25,39% a menos e os que atuam por conta própria ganham 28,33% a menos.

Tabela 11 - Borborema: Resultado da estimação intra-mesorregião

Microrregiões e variáveis	Modelo 1		Modelo 2		Modelo 3		Modelo 4		Modelo 5	
	Coefc.	P> t	Coefc.	P> t	Coefc.	P> t	Coefc.	P> t	Coefc.	P> t
Seridó Ocidental	(omitida)		(omitida)		(omitida)		(omitida)		(omitida)	
Seridó Oriental	-0,5029 (0,0260)	0,05	0,0767 (0,0235)	0,00	0,0951 (0,0234)	0,00	0,1133 (0,0231)	0,00	0,1152 (0,0226)	0,00
Cariri Ocidental	-0,1499 (0,0248)	0,00	-0,6323 (0,0222)	0,00	-0,4647 (0,0220)	0,03	0,0182304 (0,0218)	0,40	0,0376 (0,0215)	0,080
Cariri Oriental	0,1085 (0,0267)	0,00	0,1934 (0,0243)	0,00	0,2019 (0,0242)	0,00	0,2723 (0,0242)	0,00	0,2930 (0,0239)	0,00
Escolaridade	-	-	0,1207 (0,0020)	0,00	0,1300 (0,0022)		0,1152 (0,0023)	0,00	0,1085 (0,0023)	0,00
Experiência	-	-	0,0578 (0,0021)	0,00	0,0579 (0,0020)	0,00	0,0550 (0,0020)	0,00	0,0518 (0,0020)	0,00
(Experiência) ²	-	-	-0,0007 (0,0000)	0,00	-0,0007 (0,0000)	0,00	-0,0007 (0,0000)	0,00	-0,0006 (0,0000)	0,00
Sexo (dh)	-	-	-	-	0,24913 (0,0169)	0,00	0,3496 (0,0175)	0,00	0,3529 (0,0176)	0,00
Raça (db)	-	-	-	-	0,0637 (0,0146)	0,00	0,0622 (0,0142)	0,00	0,0582 (0,0140)	0,00
Agrícola							-0,5324 (0,0226)	0,00	-0,4912 (0,0243)	0,00
Indústria							-0,3044 (0,0248)	0,00	-0,2942 (0,0244)	0,00

4.3.3 Regressão intra-mesorregião – Agreste

No modelo 1, as diferenças de renda salarial com relação à microrregião de Campina Grande – variável omitida – ficaram acima de 50%, com exceção das microrregiões de Guarabira (35,21%) e Esperança (38,46%).

Como era esperado, as *dummies* de localização reduziram significativamente os seus coeficientes ao serem adicionadas variáveis de escolaridade e experiência. A maior disparidade salarial passa a ser encontrada na microrregião do Brejo (19,89%), seguido das microrregiões do Curimatá Ocidental (17,63%) e Itabaiana (18,13%). A menor diferença continuou sendo encontrada na microrregião de Guarabira (10,79%). A contribuição no incremento salarial advém do nível de escolaridade, 12,72%, pois a participação da variável experiência é praticamente nula (0,11%).

No modelo 3, houve uma pequena redução nos valores dos coeficientes de localização. Em relação às contribuições da escolaridade e experiência, estes se elevaram para 13,28% e 0,52%, respectivamente.

No Agreste, os indivíduos do sexo masculino recebem um salário 24,84% maior que as mulheres e o fato do indivíduo ser de cor branca contribui para aumentar seu salário em 7,69%.

No modelo 4, verifica-se que a maior disparidade salarial em relação aos trabalhadores do setor público encontra-se entre os trabalhadores agrícolas (43,83%). A diferença salarial é menor nos setores de indústria e de serviços, aqueles recebem um salário 12,74% a menos e estes 8,79% a menos.

Em relação ao modelo 5, o coeficiente da variável binária referente ao setor serviços mantém-se praticamente o mesmo do modelo 4. Já a variável referente ao setor agrícola aumentou a diferença salarial em relação à variável omitida, passando para 44,96%. O mesmo verifica-se com a variável do setor industrial que aumentou para 16,26%.

Os trabalhadores sem carteira assinada recebem 22,92% a menos que os trabalhadores que possuem carteira assinada. Para os indivíduos que trabalham por conta própria, a disparidade salarial é menor, 10,54%.

O fato de o trabalhador ser da área urbana contribui para aumentar seu salário em 3,15% e o fato de ter nascido na Paraíba contribui com 5,44%.

Tabela 12 - Agregate: Resultado da estimação intra-mesorregião.

Microrregiões e variáveis	Modelo 1		Modelo 2		Modelo 3		Modelo 4		Modelo 5	
	Coefic.	P> t								
Curimataú Ocidental	-0,5033 (0,0153)	0,00	-0,1963 (0,0132)	0,00	-0,1922 (0,0131)	0,00	-0,1501 (0,0131)	0,00	-0,1186 (0,0131)	0,00
Curimataú Oriental	-0,4806 (0,0220)	0,00	-0,1738 (0,0189)	0,00	-0,1618 (0,0189)	0,00	-0,1262 (0,0187)	0,00	-0,0986 (0,0185)	0,00
Esperança	-0,3846 (0,0237)	0,00	-0,1239 (0,0211)	0,00	-0,1143 (0,0209)	0,00	-0,0822 (0,0205)	0,00	-0,0601 (0,0204)	0,00
Brejo	-0,5178 (0,0185)	0,00	-0,1989 (0,0160)	0,00	-0,1859 (0,0159)	0,00	-0,1153 (0,0160)	0,00	-0,0861 (0,0160)	0,00
Guarabira	-0,3521 (0,0143)		-0,1079 (0,0124)		-0,0981 (0,0123)		-0,0698 (0,0122)		-0,0494 (0,0122)	0,00
Itabaiana	-0,5188 (0,0161)		-0,1813 (0,0140)	0,00	-0,1684 (0,0140)	0,00	-0,1130 (0,0138)	0,00	-0,0990 (0,0138)	0,00
Campina Grande	(omitida)	-								
Umbuzeiro	-0,5557 (0,0220)	0,00	-0,1344 (0,0203)	0,00	-0,1269 (0,0203)	0,00	-0,0473 (0,0204)	0,00	-0,0161 (0,0206)	0,44
Escolaridade	-	-	0,1272 (0,0011)	0,00	0,1328 (0,0011)	0,00	0,1240 (0,0012)	0,00	0,1200 (0,0012)	0,00
Experiência	-	-	0,0011 (0,0533)		0,0525 (0,0012)	0,00	0,0508 (0,0012)	0,00	0,0474 (0,0012)	0,00
(Experiência) ²	-	-	-0,0006 (0,0000)	0,00	-0,0006 (0,0000)	0,00	-0,0006 (0,0000)	0,00	-0,0006 (0,0000)	0,00

Sexo (dh)	-	-	-	0,2484 (0,0088)	0,00	0,3017 (0,0094)	0,00	0,2879 (0,0095)	0,00
Raça (db)	-	-	-	0,0769 (0,0083)	0,00	0,0774 (0,0082)	0,00	0,0716 (0,0082)	0,00
Agrícola	-	-	-	-	-	-0,4383 (0,0152)	0,00	-0,4496 (0,0160)	0,00
Indústria	-	-	-	-	-	-0,1274 (0,0142)	0,00	-0,1626 (0,0142)	0,00
Serviços	-	-	-	-	-	-0,0879 (0,0120)	0,00	-0,0982 (0,0120)	0,00
Serv. Público	-	-	-	-	-	(omitida)		(omitida)	
Situação domiciliar	-	-	-	-	-	-	-	-0,0315 (0,0099)	0,00
Nascido UF	-	-	-	-	-	-	-	0,0544 (0,0097)	0,00
Empregado sem carteira	-	-	-	-	-	-	-	-0,2292 (0,0090)	0,00
Conta própria	-	-	-	-	-	-	-	-0,1054 (0,0117)	0,00
F (P>F)	330,53 (0,00)	1694,60 (0,00)	1484,25 (0,00)	1267,72 (0,00)	1059,4 (0,00)				
R ²	0,0574	0,3485	0,3634	0,3810	0,3817				
Nº Observações	39196	36988	36752	36752	36752				

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Censo Demográfico de 2000.

4.3.4 Regressão intra-mesorregião - Zona da Mata Paraibana

Dentre as regressões intra-mesorregionais, a Zona da Mata apresentou, no modelo 1, a maior disparidade salarial. Isto decorre do fato da variável de comparação (microrregião de João Pessoa) incluir as mais importantes economias da Zona da Mata – a capital João Pessoa e as cidades de Cabedelo, Santa Rita e Bayeux. A microrregião do Litoral Norte possui a maior diferença salário (69,56%) em relação à microrregião omitida. O fato de o indivíduo residir nas microrregiões de Sapé ou Litoral Sul o faz receber um salário médio 67,25% e 68,88% menores que o salário da microrregião de João Pessoa.

A diferença salarial diminui significativamente ao serem incluídas as variáveis do modelo 2. Os parâmetros caem para 18,50% na microrregião do Litoral Sul, 17,49% no Litoral Norte e 17,16% em Sapé. Esta queda revela a importância do nível de escolaridade e da experiência do trabalhador em seus ganhos salariais, pois um ano a mais de estudo eleva o salário dos indivíduos que residem na Zona da Mata em 14,08%. A experiência de trabalho contribui em 5,21%.

A diferença de salário por raça e gênero também é presente na Zona da Mata. O fato de o indivíduo ser homem aumenta seu salário em 27,18%. O coeficiente da *dummy* cor registrou o maior valor entre todas as regressões, 11,90%.

De acordo com os modelos 4 e 5, quem trabalha no setor agrícola recebe salário 19,80% menor que os indivíduos do setor público. Os indivíduos da indústria e de serviços recebem 12,91% e 13,81% a menos que os servidores da administração pública. Observa-se que os trabalhadores sem carteira assinada recebem 12,37% a menos que os trabalhadores que têm sua carteira assinada. Para os indivíduos que trabalham por conta própria, a disparidade é menor, 7,73%.

Os coeficientes referentes à *dummy* de localização (urbana ou rural) e à *dummy* nascidos na UF revelam que o fato da pessoa ser da área urbana contribui para aumentar seu salário em 3,88%. O fato de ter nascido na Paraíba contribui com 3,08%.

Tabela 13 – Zona da Mata Paraibana: Resultado da estimação intra-mesorregião.

Microregiões e variáveis	Modelo 1		Modelo 2		Modelo 3		Modelo 4		Modelo 5	
	Coefic.	P> t								
Litoral Norte	-0,6956 (0,0144)	0,00	-0,1749 (0,0131)	0,00	-0,1957 (0,0131)	0,00	-0,1827 (0,0137)	0,00	-0,1699 (0,0142)	0,00
Sapé	-0,6726 (0,0137)	0,00	-0,1717 (0,0123)	0,00	-0,1885 (0,0123)	0,0	-0,1674 (0,0130)	0,00	-0,1529 (0,0135)	0,0
João Pessoa	Omitida									
Litoral Sul	-0,6889 (0,0169)	0,00	-0,1859 (0,0159)	0,00	-0,1982 (0,0158)	0,00	-0,1847 (0,0166)	0,00	-0,1719 (0,0170)	0,00
Escolaridade	-	-	0,1409 0,0009	0,00	0,1432 (0,0010)	0,00	0,1398 (0,0010)	0,00	0,1385 (0,0010)	0,00
Experiência	-	-	0,0522 0,0011		0,0512 (0,0011)		0,0507 (0,0011)	0,00	0,0495 (0,0011)	0,00
(Experiência) ²	-	-	-0,0006 0,0000	0,00	-0,0006 (0,0000)	0,00	-0,0006 (0,0000)	0,00	-0,0006 (0,0000)	0,00
Sexo (dh)	-	-	-	-	0,2718 (0,0080)	0,00	0,2657 (0,0084)	0,00	0,2558 (0,0086)	0,00
Raça (db)	-	-	-	-	0,1191 (0,0080)	0,00	0,1192 (0,0080)	0,00	0,1166 (0,0080)	0,00

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar a distribuição espacial da renda salarial no estado da Paraíba, considerando o retorno do capital humano, as características dos postos de trabalho e aspectos não-produtivos dos trabalhadores, como o sexo e a raça. Uma das principais novidades deste estudo foi a comparação da equação de salários entre três tipos de regressão: entre as quatro mesorregiões e entre as 23 microrregiões paraibanas, bem como entre as microrregiões componentes de cada uma das mesorregiões. O intuito desta metodologia foi identificar os aspectos em comum e específicos de cada região na distribuição de renda da Paraíba.

Os coeficientes encontrados revelaram distribuição salarial muito desigual tanto entre as mesorregiões e microrregiões, como dentro de cada mesorregião paraibana. Na Paraíba, as maiores rendas salariais estão concentradas em determinadas áreas, mais precisamente na Zona da Mata, na microrregião de João Pessoa. Os modelos captaram essa concentração de renda ao encontrar que os residentes da Borborema e do Sertão recebem, em média, salários 22,47% e 22,90% menores que os residentes na Zona da Mata. A diferença decresce com relação ao Agreste, cerca de 10,80%, devido à presença de importantes pólos econômicos nesta região, a exemplo dos municípios de Campina Grande e Guarabira.

A distribuição desigual dos rendimentos salariais também é encontrada na regressão inter-microrregiões. As maiores diferenças espaciais ocorreram entre João Pessoa e as microrregiões localizadas nas mesorregiões mais pobres, ou melhor, no Sertão seguido pela Borborema.

A inclusão de novas variáveis de controle reduziu o efeito da localização sobre a renda. Isto indica a superestimação desta variável no modelo 1.

A escolaridade e experiência, como o histórico das pesquisas sobre equações de salário indica, são variáveis com grande poder explicativo na diferença intra-mesorregional de renda da Paraíba. Notou-se que a escolaridade apresenta retornos elevados, variando entre 11% e 14%, aproximadamente.

Dessa forma, ao incluir a *dummy* escolaridade, os coeficientes dos modelos 2 em diante caem bastante, pois a diferença salarial passa a ser explicada pelo capital humano, uma vez que se leva em consideração o nível educacional dos indivíduos de cada região e não apenas a localização destes.

Nota-se diferença de rendimento por gênero e raça, sendo mais evidente a primeira. As mulheres com as mesmas características que os homens chegaram a receber 38,70% e 35,29% a menos no Sertão e na Borborema, respectivamente. As menores diferenças salariais entre os gêneros ocorrem no Agreste (28,79%) e na Zona da Mata (25,58%). As regressões inter-meso e inter-micro obtiveram valores intermediários de 30,24% e 31,20%.

A questão da cor é menos determinante. O valor mais elevado ocorreu na regressão intra-mesorregião Zona da Mata, alcançando 11%.

Constatou-se, em todas as regressões, que a disparidade salarial das pessoas ocupadas na agricultura, pecuária e áreas afins é muito maior se comparadas às pessoas ocupadas nos demais setores de atividade, em especial, no setor público. A diferença salarial ficou acima de 40% em todas as regressões, chegando ao máximo de 56,84% entre as microrregiões do Sertão e 49,12% entre as da Borborema. As diferenças entre os setores diminuem em comparação ao setor público dentro da Zona da Mata, setor agrícola recebendo 22,42% a menos, indústria com 15,72% a menos e 14,89% a menos na área de serviços.

Outra característica importante nas regressões é que os trabalhadores sem carteira estão em piores condições do que os trabalhadores por conta própria. A única exceção ocorreu dentro da mesorregião Borborema.

Em todas as regressões, exceto a intra-mesorregional do Agreste e da Zona da Mata, a variável situação domiciliar não se mostrou significativa, o que indica que o fato da pessoa se localizar na zona urbana não influi positivamente para a distribuição salarial. E nas situações em que os coeficientes se mostraram significativos, os valores são bastante baixos.

Já o fato do indivíduo ter nascido na Paraíba contribui para o aumento do seu salário, uma vez que as oportunidades podem ser

melhores para quem já mora no estado devido a ligações familiares e pessoais, entre outros aspectos.

Pelo exposto acima, percebe-se que a distribuição salarial é menos equitativa dentro das microrregiões da Borborema e do Sertão, melhorando um pouco os resultados dentro da Zona da Mata e do Agreste.

Os resultados sugerem que, ao formular políticas públicas de trabalho e de emprego no Estado, sejam consideradas as particularidades locais. Em regiões como a Borborema e o Sertão, a sugestão é direcionar ações e estratégias que contribuam para reduzir a discriminação por gênero dentro dos segmentos de trabalho, como também atuar na secular questão da divisão da terra e da melhoria da educação.

A educação é, sem dúvida, um dos principais determinantes da renda salarial, mas se as políticas de redução da heterogeneidade educacional forem combinadas com ações visando ao combate da discriminação por gênero e por segmentação de trabalho, os resultados poderão ser mais eficazes.

6 REFERÊNCIAS

PNUD. **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil**. 2000. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas/>>. Acesso em: março de 2008.

IBGE Censo Demográfico, 2000. **Documentação dos microdados da amostra**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/censo/>>. Acesso em: março de 2008.

COELHO, A. M.; CORSEUIL, C.H. Diferenciais salariais no Brasil: um breve panorama. In: CORSEUIL, C. H. (Editor). **Estrutura salarial: aspectos conceituais e novos resultados para o Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2002. p. 67-100.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIOECONÔMICOS. **Produto 3 – Estudo de Caso 1: A Construção Civil (Paraíba)**. Pernambuco: Dieese, nov. 2006.

MENEZES-FILHO, N. Equações de rendimentos: questões metodológicas. In: CORSEUIL, C.H. (Editor). **Estrutura salarial: aspectos conceituais e novos resultados para o Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2002. p. 51-66.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. **Definição e metodologia de cálculo dos indicadores e índices de desenvolvimento humano e condições de vida**. Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil – 2000.

SCHULTZ, T. W. **O capital humano: investimentos em educação e pesquisa**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1973.

Página em Branco